



CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE TRABALHO E DE ALIENAÇÃO EM 'O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO', DE VINICIUS DE MORAES

Davi Jefferson Araújo da Silva – davijeffersonaraujodasil@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0009-0009-1186-633X>

Mayara Benevenuto Duarte – mayaraduartedga@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-2337-8869>

Maria Nazareth de Lima Arrais – nazah_11@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8859-1404>

RESUMO: Devido aos jogos com a língua e com os sentidos que articula, o texto poético apresenta vários caminhos para a realização da sua leitura. Partindo da ideia de que um dos meios de leitura desse texto pode ser explorando a sua produtividade semântica, o objetivo primeiro deste trabalho é realizar uma leitura semiótica do poema *O operário em construção*, de Vinicius de Moraes, com base na semiótica discursiva desenvolvida por A. J. Greimas, destacando a crítica que se faz no texto às relações de trabalho e de alienação. A leitura do poema segue a metodologia da análise semiótica do discurso, que apresenta um percurso gerativo da significação, composto por três níveis: narrativo, discursivo e fundamental. Embora centrada no nível discursivo, a leitura considera também elementos dos outros níveis, visto que esses níveis dialogam. Para tanto, este trabalho segue as reflexões de Greimas e Courtés (2016) e seguidores, no que diz respeito à semiótica discursiva; e Marx (1989) e Mészáros (2016), concernente à crítica marxista sobre trabalho e alienação. Como resultado, verificamos que o ator *operário*, guiado por uma forte reflexão sobre suas condições de trabalho, passa do estado de alienação ao de resistência, ou seja, à ação. Assim, o que antes era mais um operário na construção, passa a ser um *operário* em construção da consciência crítica e reflexiva.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica discursiva; texto poético; O operário em construção; Vinicius de Moraes.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre poesia é uma tarefa que requer cuidados em razão de todo o arranjo estético com a linguagem e, até mesmo, em razão da disposição no espaço do papel – ou em outro suporte – que ocupa. Podemos nos acercar dela a partir de vários pontos de vista, a exemplo da métrica; da rima; das significações; dos jogos estruturais etc. Neste trabalho, no entanto, adotaremos o ponto de vista da produtividade semântica que nos oferecem os discursos, situado no plano de conteúdo, de modo a explicitar os sentidos que se instauram no texto poético.

À vista disso, o objetivo primeiro deste trabalho é realizar uma leitura semiótica do poema *O operário em construção*, de Vinicius de Moraes, destacando a crítica que é feita às relações de trabalho e de alienação que permeiam o poema. Para tanto, este texto segue as reflexões da semiótica discursiva, com Greimas e Courtés (2016) e colaboradores; e da crítica marxista, com Marx (1989) e Mészáros (2016).

A fim de seguir o proposto, a discussão segue a base metodológica da análise semiótica do discurso, na medida em que a semiótica discursiva nos oferece um caminho teórico-metodológico por meio do percurso gerativo de sentido, o qual visa explicitar os mecanismos implícitos de estruturação e de interpretação de textos (Fiorin, 2018). O percurso gerativo de sentido é composto por três níveis, cada qual com um componente sintático e outro semântico. Neste trabalho, entretanto, centraremos os nossos esforços no nível discursivo, o que não significa a ausência dos demais níveis no processo de análise, uma vez que estão pressupostos.

Propor um debate como este se justifica, em primeiro lugar, pela temática das condições de trabalho e de alienação que o texto poético ora em exame denuncia. Embora se trate de um texto da década de 1950, as condições apontadas pelo texto ainda encontram reverberações na sociedade de hoje¹. Permeiam as relações sociais a questão alienante do trabalhador que não se reconhece como pessoa, mas como empregado que deve gerar lucros, o que, a nosso ver, sufoca as relações de humanidade para dar lugar a uma luta injusta que acentua as desigualdades econômicas. Em interface com esse olhar, priorizar as leituras de textos poéticos dessa natureza promove reflexões que são capazes de favorecer o despertar, na medida em que, para além da fruição, como neste caso, o texto poético aborda o social que nele se acomoda, ou melhor, que nele se inquieta.

Quanto à organização, iniciamos pela discussão do referencial teórico-metodológico embasado na semiótica discursiva, desenvolvida por Greimas e Courtés (2016) e seus colaboradores; em seguida, passamos a fazer breves apontamentos acerca da crítica marxista do trabalho e da alienação, questões fortemente abordadas pelo poema; por fim, colocamos em análise, com base no aparato teórico-metodológico adotado, o poema *O operário em construção*, de Vinicius de Moraes.

2 SEMIÓTICA DISCURSIVA

A Semiótica Discursiva, também conhecida como greimasiana, em virtude de seu fundador lituano Algirdas Julius Greimas (1917-1992), está em contínua construção e reformulação, visto que são muitos os teóricos que se debruçam em seus estudos para ampliá-la e propagá-la. Para aplicação dos conceitos da semiótica discursiva na realização de uma pesquisa, faz-se necessária a compreensão sobre o seu desenvolvimento e a sua formação enquanto ciência, teoria e metodologia para, então, chegar a sua aplicabilidade.

De acordo com Barros (2001), a semiótica greimasiana baseia-se nas teorias de Saussure e Hjelmslev e busca determinar as condições para que um objeto venha ganhar uma significação, sendo

¹ Basta citarmos o caso de trabalhadores de vinícolas em condições análogas à escravidão, no sul do país, que provocou grande comoção nacional recentemente: <https://www.cartacapital.com.br/justica/operacao-resgata-mais-de-200-trabalhadores-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-vinícolas-gauchas/>.

assim, essa teoria não considera a linguagem como um sistema de signos, mas como um sistema de significação. Logo, Greimas não nega a relevância dos signos, mas acredita que o objeto da ciência semiótica é a significação, ou, mais profundamente, o sentido obtido com o processo de significação.

Vale destacar que a semiótica greimasiana entende o texto como objeto de significação, um todo de sentido, e como objeto de comunicação, uma vez que é engendrado a partir de um contexto, focando, num primeiro momento, no plano do conteúdo do texto, fazendo abstrações dos níveis de manifestação: oral, escrito, visual ou sincrético (Barros, 2005).

Greimas e Courtés (2016) traçam um modelo de percurso gerativo de sentido ou de significação composto por três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, que possibilita um olhar aprofundado sobre a tessitura textual, visto que parte de estruturas profundas até alcançar as estruturas superficiais. É importante pontuar que a noção de texto se modificou ao longo dos tempos e, para a semiótica, os conceitos de texto e contexto são bem amplos, uma vez que o texto é o resultado da unificação entre um plano de conteúdo e um plano de expressão, enquanto o contexto diz respeito às questões histórico-sociais que refletem sobre o texto e aparecem em formato de outros textos.

Greimas e Courtés (2016), então, organizaram os níveis em três patamares, cada um composto por um componente sintático e um semântico. O nível fundamental ou o mais profundo tem a responsabilidade de estabelecer as axiologias de um texto pela análise dos componentes sintáticos e semânticos. Os autores apresentaram, inicialmente, a sintaxe do nível fundamental por meio de um quadrado semiótico e depois por um octógono composto pela relação entre os termos contrários, contraditórios e implicativos. Na semântica do nível fundamental, os elementos da categoria de base de um texto podem receber qualificações semânticas positivas ou negativas. A qualificação positiva é nomeada por Greimas e Courtés (2016) de euforia, categoria que institui valores positivos em um texto. Já a qualificação negativa é nomeada de disforia, que institui valores negativos em um texto. Assim, é possível afirmar que o nível fundamental dá início ao percurso gerativo da significação.

Depois da estrutura fundamental, no percurso, destaca-se o nível narrativo ou narrativização como outra camada constituinte que fica entre a estrutura profunda e a superficial e engloba as relações actanciais. Aqui cabe fazer uma distinção entre narração e narratividade: a narração diz respeito a uma determinada classe de textos, já a narratividade é componente de todos os textos, “é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes” (Fiorin, 2018, p. 27).

Para Barros (2005, p. 13), “a sintaxe narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam”. Nesse sentido, é necessário levar em consideração que, em toda narrativa, temos a presença de um sujeito impulsionado por um destinador a realizar um percurso em busca de uma recompensa, o que,

na semiótica, chama-se de objeto de valor. Na semântica narrativa, por sua vez, o foco está implicado nos valores que subjazem ao sujeito semiótico, indispensáveis para a realização de seu percurso que o fará alcançar ou não o seu objeto de valor. Para essa concretização, Fiorin (2018) afirma que há uma série de enunciados de fazer e de ser (estado) organizados hierarquicamente, compreendendo quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

O último dos níveis do percurso é o discursivo. Segundo Fiorin (2018, p. 57), “a sintaxe do discurso abrange dois aspectos: as projeções da instância da enunciação no enunciado e as relações entre enunciador e enunciatário”. Na ocasião, temos um sujeito que parte de um ponto de vista em um determinado tempo e espaço, o que Fiorin (2018, p.39) nomeia de “[...] a instância de um *eu – aqui – agora*”. A língua possui três sistemas temporais, assim a debragem projeta-se a partir da realização desses tempos: um concomitante (o agora presente); um anterior (o agora pretérito) e um posterior (o agora futuro), havendo assim uma contraposição entre a concomitância e a não concomitância, a anterioridade e a posterioridade (Greimas; Courtés; 2016).

Nesse sentido, na sintaxe discursiva, analisamos as relações intersubjetivas entre enunciador e enunciatário tempo e espaço. No nível da semântica discursiva, temos a presença de relações entre temas e figuras. De acordo com o autor, a tematização e a figurativização são dois níveis de concretização de sentido. A figura é o conteúdo total de um sistema, seja este já existente ou construído. E o tema é a categoria responsável por organizar os elementos desse mundo.

2.1 TRABALHO E ALIENAÇÃO

A relação existente entre o ser humano e o trabalho remonta à gênese do desenvolvimento da humanidade. Inicialmente, os seres humanos eram nômades, pois os alimentos de uma determinada região eram consumidos mais rapidamente do que a natureza podia repô-los, o que os obrigava a migrar. Nesse momento, o trabalho surge como necessidade diretamente relacionada à sobrevivência. Já no período neolítico, os seres humanos desenvolveram a criação de animais e a agricultura, técnicas que os fizeram estabelecer habitações fixas e viverem de forma sedentária. A partir desse novo modo de existência, surgiu a troca: com uma capacidade produtiva maior do que a necessária para o consumo imediato, os grupos humanos trocavam produtos com as aldeias vizinhas (Cotrim; Fernandes, 2010). Com isso, o trabalho passou a ser parte indissociável da vida em grupo. Subjacente a este percurso, percebemos a reflexão de Karl Marx (2004a), para quem, antes de tudo, o trabalho é um processo conjunto em que se há uma relação de trocas entre o homem e a natureza e ambos são modificados lentamente.

À medida que os seres humanos foram se organizando socialmente surgiram novas necessidades culturais e o trabalho já não tinha unicamente a função de sobrevivência, mas de desenvolvimento de novas habilidades e possibilidades que antes não faziam parte da sua visão de mundo. Nesse sentido, uma vez que os humanos foram se organizando em sociedades e estas foram se tornando mais complexas, “também mais complexos passaram a ser os tipos de trabalhos empregados, no sentido de darem conta das demandas desses grupos organizados de pessoas” (Luz, 2008, p. 19). Marx resume a importância do trabalho para a vida do ser humano da seguinte forma:

O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana (Marx, 2004b, p. 64-65).

Significa dizer que, pelo viés do trabalho, acontece a relação homem com a natureza. No entanto, quando voltamos nosso olhar para o sistema capitalista de produção, bem saliente hoje, observamos que o trabalho deixa de ser apenas um instrumento de desenvolvimento de habilidades e de possibilidades e passa a ser um instrumento de alienação e de opressão.

O trabalhador, ao executar o seu trabalho, passa de um almejado estado de sujeito liberto para um estado de sujeito escravo do sistema, experimentando, assim, uma relação de estranhamento e de conflito. Por vezes, o espírito de consciência é despertado e ele reconhece o que o oprime, no entanto, vê-se obrigado a prosseguir para ter uma garantia de sobrevivência. Percebe que os objetos de sua produção já não servem para satisfazer as suas necessidades, mas as do capital. O trabalho passa assim a apresentar um duplo caráter: *valor de troca* para o trabalhador e *valor de uso* para a unidade produtiva.

De acordo com Mészáros (2016), a teoria marxiana sobre alienação está fundamentada em quatro aspectos principais: o ser humano está alienado da natureza; ele está alienado de si e de sua própria atividade; do seu ser genérico, do seu ser como membro do gênero humano e está alienado do *ser humano*, dos demais seres humanos. Para Marx,

Na alienação do objeto do trabalho, resume-se apenas a alienação na própria atividade do trabalho [...] o trabalho é exterior ao trabalhador [...] não pertence a sua natureza; portanto ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo [...] não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado (Marx, 1989, p.162).

De acordo com a citação, o ser humano não reconhece no trabalho um espaço de realizações, uma vez que o aprisiona, já que tira dele o valor de si, considerando-o apenas como necessário à produção. Assim, como algo forçado e imposto, retira o seu estado de humano e impõe o estado de máquina. Nesse sentido, trabalha apenas para sobreviver, o que não recobre o estatuto de trabalhar com (e por, também) prazer.

Portanto, no processo de alienação com o objeto, o trabalhador passa a exercer uma relação de oposição, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo e se sente infeliz, arruinando o seu espírito e o seu estado mental, ou seja, quanto mais o trabalhador produz, mais pobre ele se torna e mais dependente do sistema ele fica.

3 O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO, DE VINICIUS DE MORAES: DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA À REFLEXIVA

Na análise semiótica, o sentido do texto se constrói sob a forma de um percurso gerativo que se estende por três níveis. Nós nos deteremos aqui ao nível discursivo, que corresponde ao patamar mais superficial do percurso e o mais próximo da manifestação textual. Nele, temos a organização da narrativa de acordo com tempo, espaço e pessoa, correspondentes aos componentes sintáticos; e a tematização e a figurativização, correspondentes aos componentes semânticos, além das relações de enunciação e enunciados.

Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração que o *corpus* “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes, configura-se como um poema que foi publicado no ano de 1959 no livro *Nova Antologia poética* e que, além de ser uma construção de versos, também se apresenta como uma forma de edificação do sujeito que se inicia num processo de reflexão sobre o seu papel na sociedade.

Outro ponto a ser destacado no *corpus* em análise são os traços característicos da terceira geração do Modernismo brasileiro, em que há o surgimento de um eu-poético voltado para o seu entorno e não mais apenas para si. E, por isso mesmo, foi um período em que as produções literárias estavam fortemente vinculadas a questões políticas e sociais.

Adentrando nos engendramentos do poema em análise, percebemos que ele está preponderantemente escrito em terceira pessoa, o que pode ser comprovado no fragmento *Era ele que erguia casas* (Moraes, 1960, p. 305). Com isso, há um distanciamento da instância da enunciação. No entanto, há momentos em que percebemos a aproximação dessa instância, quando é dada a voz a alguns atores, como podemos ver em: [...] – “Convençam-no” do contrário – / Disse ele sobre o operário

(Moraes, 1960, p. 308). Essas estratégias de enunciação enunciativa e de enunciação enunciativa reforçam o efeito de sentido de objetividade e de verdade simultaneamente.

O enunciador do poema parece querer defender a ideia do despertar de consciência crítica e reflexiva, quando o operário passa a entender seu papel na conjuntura social e, a partir de então, adquire consciência sobre as relações entre trabalho e alienação. Para comprovar isso, o enunciador destaca três atores: o operário, o patrão e as bocas da delação/os homens da delação. Esses atores estão em terceira pessoa, exceto algumas vezes quando o enunciador lhes dá voz e eles assumem a primeira pessoa, quando ocorre uma debreagem enunciativa interna.

Vejamos a seguir alguns fragmentos em que aparecem esses atores sob a voz do enunciador: [...] *Mas o patrão não queria / Nenhuma preocupação. [...] Dia seguinte, o operário / Ao sair da construção / Viu-se súbito cercado / Dos homens da delação [...]* (Moraes, 1960, p. 308).

No poema, se destaca um operário, designação dada ao indivíduo pertencente à classe operária. Esse ator é projetado no discurso como alguém sem muitos desejos, inserido em uma rotina mecânica e automatizada, movido apenas pelo desejo de sobrevivência, como consta na teoria marxista. O operário encontra-se manifestado no poema tanto em 3ª pessoa, quando é inserido pelo enunciador como passivo diante das situações de seu cotidiano, quanto em 1ª pessoa, quando o enunciador lhe dá espaço de fala, quando passa a refletir sobre as suas condições de trabalho e de existência, resistindo às relações abusivas de trabalho e de alienação. Vejamos um processo de debreagem interna, momento em que há uma aproximação da enunciação, quando o operário fala por si mesmo: [...] — *Mentira! — disse o operário / Não podes dar-me o que é meu. [...]* (Moraes, 1960, p. 310).

O ator patrão, nomeação dada a quem possui empregados sob o seu comando, é projetado no discurso como aquele que explora o trabalho dos operários, visto que é dito que ele possui bens materiais de grande valor e, por isso, *status* social diferenciado devido à exploração da mão de obra dos operários, visando o lucro. Essa afirmação pode ser percebida no despertar crítico do operário: [...] *E aprendeu a notar coisas [...] Que o casebre onde morava / Era a mansão do patrão. [...]* (Moraes, 1960, p. 308).

Ademais, esse ator é comparado à figura do Diabo quando na tentação de Cristo, ao tentar dissuadir o operário, agora consciente, oferecendo-lhe vantagens caso pare de resistir à sua condição e de propagar suas ideias entre os demais operários: [...] — *Dar-te-ei todo esse poder / E a sua satisfação / Porque a mim me foi entregue [...]* (Moraes, 1960, p. 309).

Nesse sentido, instaura-se no discurso um antagonismo: opressão (sendo valor disforizante, isto é, valor negativo para o operário e valor euforizante, isto é, valor positivo para o patrão) *versus* liberdade (sendo valor euforizante para o operário e disforizante para o patrão), em que o patrão é comparado ao Diabo e o operário, a Jesus, no mito cristão, especificamente quando o Diabo tenta Jesus no deserto.

O terceiro ator emerge sob a designação de bocas da delação/homens da delação, representado por outros operários que não tinham consciência de classe e se sentiam ameaçados pelo posicionamento do operário (desperto), denunciando-o então ao patrão: [...] *Como era de se esperar as bocas da delação / Começaram a dizer coisas / Aos ouvidos do patrão.* [...] (Moraes, 1960, p. 308). Essa atitude delatora deixa ver a alienação à qual esses operários estão submetidos. Não entendem que, ao fazer isso, estão fortalecendo o sistema que os mantém em condições precárias de existência.

Como se observou, nenhum dos atores recebe nomeação própria. Todos são designados pelos papéis temáticos que caracterizam suas funções dentro de uma sociedade capitalista: operários e patrão. Nesse sentido, ao lançar mão dessas figuras para ilustrar o poema, o enunciador parece querer passar uma generalidade à história contada no poema, como se dissesse que isso é o que ocorre aos que estão inseridos em contextos similares.

No enunciado, temos o sistema temporal construído pelo tempo linguístico e cronológico. No primeiro, o discurso nos apresenta majoritariamente uma debreagem enunciativa por meio de um *então*, ou seja, um distanciamento da enunciação. Contudo, em alguns momentos ocorre uma aproximação. Predominam, no enunciado, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, como podemos comprovar nos trechos a seguir:

Quadro 1 – Sistema Temporal do Poema *O Operário em Construção*

Pretérito imperfeito do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo
Tempo que marca o período de alienação e subordinação ao patrão – trabalho sem questionamento:	Tempo que marca a tomada de consciência:
[...] <i>Era ele que erguia casas</i> <i>Ele subia com as casas</i> [...] (Moraes, 1960, p. 305)	[...] <i>Começou a dizer não.</i> <i>E aprendeu a notar coisas</i> [...] (Moraes, 1960, p. 308)

Fonte: Moraes (1960, p. 305 e p. 308)

As marcações temporais indicam o percurso da alienação à tomada de consciência. Vejamos que, com o pretérito imperfeito, a ação estava acontecendo, o operário trabalhava, *erguia* casas e com elas *subia*, mas essas ações mecânicas são interrompidas quando *começou* a se posicionar negativamente e *aprendeu* a perceber a exploração pela qual era submetido.

Já o tempo cronológico no poema tem a marcação de *dia*, significando o momento em que o operário tem uma espécie de epifania, quando, a partir de uma série de reflexões que vai engendrando,

descobre a importância do seu trabalho e sua alienação, como podemos ver no verso a seguir: [...] *De forma que, certo dia* [...] (Moraes, 1960, p. 306).

De acordo com os atores e o tempo, destaca-se também o espaço. A espacialização, segundo Greimas e Courtés (2016), corresponde ao local em que ocorrem os programas narrativos. Esse espaço pode ser linguístico e geográfico. Na narrativa em análise, temos um espaço linguístico com a presença de um *aqui*. Vejamos a seguir os trechos que comprovam o que dissemos:

Quadro 2 – Sistema Espacial do poema *O Operário em Construção*

Espaço linguístico	Espaço geográfico
O lugar de trabalho do operário:	O lugar de descanso e reflexão do operário:
[...] <i>Onde só havia chão</i> <i>Ele subia com as casas</i> [...] (MORAES, 1960, p.305) [...] <i>Erguendo uma casa aqui</i> [...] (Moraes, 1960, p. 306)	[...] <i>À mesa, ao cortar o pão</i> [...] (MORAES, 1960, p. 306) [...] <i>Que o casebre onde morava</i> <i>Era a mansão do patrão</i> [...] (Moraes, 1960, p. 308)

Fonte: Moraes (1960, p. 305, p. 306 e p. 308)

As marcações dos espaços linguísticos *onde* e *aqui* retratam o momento em que o operário estava em um estado de alienação e de não reconhecimento do valor de sua mão de obra. Somente ao sentar-se *à mesa em seu casebre* (espaço geográfico) é que ele passa a refletir sobre a sua condição e entra em um estado de compreensão do mundo ao seu redor.

Com base no percurso realizado até aqui, podemos destacar dois temas centrais no poema, os quais nos interessam destacar nesta discussão: *trabalho* e *alienação*, aos quais subjazem outros, como *mais-valia*, *exploração*, *conscientização*, *violência* e *resistência*. Vejamos como cada tema está projetado no discurso do poema em análise.

O tema *trabalho* surge quando, na primeira estrofe do poema, há a caracterização da atividade que é desenvolvida pelo operário: *Era ele que erguia casas / Onde antes só havia chão*. [...] De acordo com o *Dicionário do Pensamento Marxista* (2001, p. 156), *trabalho* “é o próprio exercício efetivo da capacidade produtiva humana de alterar o valor de uso das mercadorias e de acrescentar-lhes valor”. Nesse sentido, o operário do poema acrescenta valor às casas, aos prédios, às igrejas que constrói: [...] *E assim o operário ia / Com suor e com cimento / Erguendo uma casa aqui / Adiante um apartamento / Além uma igreja* [...] (Moraes,

1960, p. 306). No entanto, não recebe a quantia correspondente a essa valorização, quem a ganha é o seu patrão.

Essa quantia que não é repassada ao operário é a *mais-valia*, outro tema ligado ao tema do *trabalho*. A *mais-valia* é aquilo que a classe trabalhadora não recebe por aquilo que produziu e que pode ser vendido por mais; é o lucro que fica com o patrão, o capitalista. Disso resulta a *exploração*, outro tema que, sob a perspectiva marxista, está diretamente ligado com a *mais-valia*. A *exploração*, num sentido mais restrito, de acordo com a teoria marxista, “ocorre quando um setor da população produz um excedente cuja utilização é controlada por outro setor” (Dicionário [...], 2001, p. 144). Em outras palavras, é pela exploração da classe trabalhadora que o capitalista obtém o seu lucro, ao não pagar a *mais-valia* à classe operária.

No poema, percebemos as relações de *mais-valia* e de *exploração* a partir dos seguintes trechos: *mais-valia*: [...] *De fato, como podia / Um operário em construção / Compreender por que um tijolo / Valia mais do que um pão? [...]* (Moraes, 1960, p. 305). Se levarmos em consideração que o *tijolo* pode ser uma metonímia para casas, prédios etc., conseguimos entender que é a força de trabalho do operário investida na construção que o valoriza a ponto de ele valer mais do que pão.

No decorrer do seu percurso, o operário entra em um estado de (des)construção que poderíamos tematizar aqui como a tomada de consciência (*conscientização*). No início do percurso, o operário é um sujeito que [...] *tudo desconhecia [...]* (Moraes, 1960, p. 305), ou seja, não tinha conhecimento do poder que havia em suas mãos e de que ele era a engrenagem principal que fazia a roda do sistema girar. O processo de *conscientização* inicia-se num certo dia, quando à mesa o operário tem uma súbita revelação que chega até mesmo a assombrá-lo, ele percebe que tudo a sua volta é feito por ele.

A partir do momento em que o operário reconhece o seu lugar no mundo, ele passa de um estado de *alienação* para um estado de não alienação [...] *E foi assim que o operário / Do edifício em construção / Que sempre dizia sim / Começou a dizer não [...]* (Moraes, 1960, p. 307). De acordo com o *Dicionário do Pensamento Marxista* (2001, p. 5), *alienação* é:

No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, ou [3] a outros seres humanos, e - além de, e através de, [1], [2] e [3] - também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente).

Com o intuito de quebrar os paradigmas da alienação e elevar os espíritos dos demais companheiros para um estado de consciência, a primeira atitude do operário foi compartilhar o fato do qual tomara conhecimento: a observação atenta do seu cotidiano e das relações que o perpassam.

Tendo atingido a *conscientização*, por meio da *dimensão da poesia*: [...] *Foi dentro da compreensão / Desse instante solitário / Que, tal sua construção / Cresceu também o operário. [...] Pois além do que sabia / — Exercer a profissão — / O operário adquiriu / Uma nova dimensão: / A dimensão da poesia. [...]* (Moraes, 1960, p. 307). Importante observar aqui essa dimensão da poesia evocada pelo enunciador quando o operário passa a ter consciência de sua alienação e da realidade que o circunda.

Também podemos entender que *A dimensão da poesia* pode estar ligada à própria etimologia da palavra, que aponta para criação, fabricação, construção, definições que caracterizam também a atividade do operário; e essa *dimensão da poesia* também pode estar ligada tanto à concepção platônica de revelação quanto à concepção marxista de forma ou conteúdo que são moldados pelos fatores sociais, econômicos, de classes ou ideológicos. Neste sentido último, a poesia teria uma função libertadora para o operário, uma vez que manifesta essas relações de alienação em seu discurso – e aqui teríamos uma poesia que trata da poesia como libertação, logo uma metalinguagem, ou seja, sendo a poesia a realização da subjetividade, onde o belo é o ingrediente primeiro, *A dimensão da poesia* referida pelo enunciador é a beleza do despertar, do significar-se a partir de seu valor como aquele que sabe fazer: o operário.

Diante disso, o operário começa o embate com os seus opositores, figurativizados por *bocas da delação/homens da delação*, os quais, persuadidos pelo patrão, empregam violência contra o operário como forma de sanções negativas a sua nova forma de pensar e agir. Vejamos a seguir um recorte do momento em que o operário é delatado pelos homens da delação:

Dia seguinte, o operário / Ao sair da construção / Viu-se súbito cercado / Dos homens da delação / E sofreu, por destinado / Sua primeira agressão. / Teve seu rosto cuspidado / Teve seu braço quebrado / Mas quando foi perguntado / O operário disse: Não! / Em vão sofrera o operário / Sua primeira agressão / Muitas outras se seguiram / Muitas outras seguirão. / Porém, por imprescindível / Ao edifício em construção / Seu trabalho prosseguia / E todo o seu sofrimento / Misturava-se ao cimento / Da construção que crescia [...] (Moraes, 1960, p. 308).

É possível caracterizar ainda, a partir dessas sanções, a temática da *violência*, pois o operário não aceitou a condição de dominado e sofreu penalizações, por isso os oprimidos encontram no opressor seu “tipo de homem”.

Podemos afirmar, de acordo com Viana (1999), que a violência é “uma relação social caracterizada pela imposição realizada por um indivíduo ou grupo social a outro indivíduo ou grupo social contra sua vontade ou natureza” (Viana, 1999, p. 224). Desta forma, é possível perceber que o

trabalho alienado é, ele mesmo, uma forma de violência que desencadeia doenças provocadas pelo processo exaustivo de trabalho; acidentes; desgaste físico e mental e até mesmo a morte. No entanto, no caso do trabalho assalariado o seu caráter violento é ofuscado pelo seu caráter de “trabalho livre”.

Quando submetido à *violência*, o operário entra em estado de *resistência* contra aqueles que insistem em calar a sua voz. O poema nos mostra que as agressões sofridas não o fizeram retroceder e a luta tem sua continuidade. A construção segue em ritmo acelerado e o suor do seu sofrimento se mistura ao cimento. O operário segue firme em seu propósito e continua a dizer “não!” O patrão o leva ao alto da construção e oferece poder e satisfação se ele o adorar e abandonar o que o fazia dizer não, porém, o operário segue resistente em suas convicções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em tempos longínquos os seres humanos trabalhavam para garantir a sobrevivência, depois para garantir trocas, agora, o modo de produção capitalista explora a sua força de trabalho para produção excedente e assim gerar lucro para os capitalistas. No poema analisado, por causa desse modo de produção, o operário se vê infeliz, sem motivação. Trata-se da história de um operário passivo que sofre exploração, mas desperta.

A partir desse despertar de consciência de classe, um despertar para uma reflexão sobre as relações de trabalho e de alienação, ao modo marxista - relações essas muito presentes atualmente em nossa sociedade -, verificamos, como resultado, que o ator *operário*, guiado por essa forte reflexão sobre suas condições de trabalho, passa da alienação ao estado de resistência, ou seja, à ação. Assim, o que antes era mais um operário na construção, passa a ser um *operário* em construção da consciência crítica e reflexiva.

Constatamos ainda que o poema possui aquilo que Platão já argumentava em favor dela: a manifestação de um vaticínio. Ou, ao modo da crítica marxista, no discurso poético manifestam-se as conexões causais entre forma, conteúdo e fatores sociais, econômicos e de classe ou ideológico que ajudam na compreensão da realidade.

E como esse discurso é realizado com base na linguagem, nesse caso a verbal, por meio da escrita, conseguimos depreender essas relações subjacentes por meio de instrumentos de análise que nos permitam interpretar a teia de sentidos que constrói essas relações. Nessa direção, portanto, ressaltamos a importância da Semiótica Discursiva, a qual nos oferece um caminho, um modo sistematizado de leitura que nos possibilita interpretar um texto, seja oral, verbal, visual ou sincrético por meio do Percorso Gerativo de Sentido ou de Significação, que nos oportunizou, via nível discursivo, categorias de análise para explorarmos a produtividade semântica do poema aqui analisado.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. 6ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BOTTOMORE, T. (editor). *Dicionário do pensamento marxista*. Tradução de Waltensir Dutra, organizador da edição brasileira Antonio Moreira Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- COTRIM, G.; FERNANDES, M. *Fundamentos de filosofia*. 1. ed. São Paulo: 2010.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- LUZ, R. S. da. *Trabalho alienado em Marx: a base do capitalismo*. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MARX, K. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Ícone, 2004a.
- MARX, K. *O Capital*. Vol. 1/1. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.
- MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. Tradução Nélio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MORAES, V. de. *Vinicius de Moraes: antologia poética*. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.
- VIANA, N. Violência, conflito e controle. In: OLIVEIRA, D. et al. (org.). *50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados*. Brasília: MNDH, 1999.

Title

Critical Consciouness of work and alienation in ‘O operário em construção’ (The worker in construction), by Vinicius de Moraes.

Abstract

Due to the games with the language and with the meaning that it articulates, the poetic text presents various forms to carry out its reading. Starting from the idea that one of the means of reading this text can be exploring its semantic productivity, the first objective of this work is to accomplish a semiotic reading of the poem *O operário em construção* (The worker in construction) by Vinicius de Moraes with base on the discursive semiotics developed by A. J. Greimas, highlighting the critique of work and alienation relationships in the text. The reading of the poem follows the methodology of discourse semiotics analysis, that presents a generative path of meaning, composed of three levels: narrative, discursive and fundamental. Although centered on the discursive level, the reading also considers elements from other levels too, because these levels dialogue. Therefore, this work follows the reflections of Greimas and Courtés (2016) and followers, with regard to the discursive semiotics; and Marx (1989) and Mészáros (2016), concerning the Marxist critique of work and alienation. As a result, we verified that the *operário* (construction worker) actor, guided by a strong reflection on his working conditions, moves from a state of alienation to a state of resistance, of action. Thus, what was just one more construction worker becomes a *operário* (construction worker) in construction of critical and reflexive consciousness.

Keywords

Discursive semiotics; Poetic text; Operário em construção; Vinicius de Moraes.

Recebido em: 14/03/2023

Aceito em: 17/07/2023